

**PULSÃO E PULSÃO DE MORTE EM FREUD E SEUS DESDOBRAMENTOS A
PARTIR DA TEORIA DA SEDUÇÃO GENERALIZADA**

Renan Martimiano Vieira
Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto

Introdução

O presente trabalho versa acerca de conceitos psicanalíticos que, a nosso ver, por vezes se tornaram confusos no desenvolvimento teórico da psicanálise. As noções de pulsão e pulsão de morte são consideradas como conceitos chave para o entendimento da psicanálise, tanto no âmbito teórico quanto no clínico. Para discorrer sobre a pulsão de morte, buscamos primeiramente apresentar, a partir de alguns textos de Freud, o pensamento e o entendimento do autor acerca do termo pulsão, para, em seguida, situarmos a temática da pulsão de morte no pensamento freudiano.

Depois de uma breve revisão, em Freud, sobre a temática estudada, pretendemos, então, compreender estes conceitos a partir da Teoria da Sedução Generalizada (TSG) proposta por Jean Laplanche, que é considerado um importante teórico psicanalítico, bem como um dos grandes leitores e tradutores das obras de Freud. O autor propõe uma leitura crítica desta teoria que busque compreender os seus desvios teóricos e é a partir desta leitura, aliada com novas formas de compreensão da teoria freudiana, que este apresenta os pressupostos de sua própria teoria.

Sabemos que a pulsão de morte foi uma temática que provocou várias discussões e desentendimentos entre os psicanalistas. Freud recebeu várias críticas em relação a essa elaboração, porém, o autor a reafirmou constantemente até o fim de sua obra. Compreendemos que apesar de todas as dissidências que envolveram a elaboração e introdução do conceito, sua importância para o movimento psicanalítico e suas contribuições teóricas e práticas neste campo são incontestáveis, estando presente no pensamento de muitos psicanalistas até hoje.

Importante ressaltar que este trabalho surgiu a partir de estudos e discussões realizados em uma das disciplinas do Mestrado em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá

(PPI-UEM), área de concentração: Constituição do Sujeito e Historicidade, mais especificamente pertencente à linha de pesquisa: Psicanálise e Civilização e ao Laboratório de Estudos e Pesquisa em Psicanálise e Civilização (LEPPSIC).

Objetivos

Temos como proposta discutir o conceito de pulsão e pulsão de morte em psicanálise. Para isso, trilharemos um percurso, acerca destas noções, primeiramente a partir da obra freudiana para em seguida introduzirmos a visão da TSG acerca destes conceitos.

Métodos

Trata-se de uma pesquisa teórico-conceitual em psicanálise. A pesquisa teórica tem como característica a tentativa de “re-construir teorias, quadros de referência, condições explicativas da realidade, polêmicas e discussões pertinentes [...]”, sendo que esta não “implica em imediata intervenção na realidade, mas nem por isso deixa de ser importante, pois seu papel é decisivo na criação de condições para a intervenção”(Baffi, 2002).

O levantamento bibliográfico decorre de leituras prévias dos autores abordados, Freud e Laplanche, buscando evidenciar em suas obras os pontos em que eles versam sobre o tema estudado. Desta maneira, elegemos alguns textos de Freud e Laplanche nos quais os autores abordam a temática de uma forma mais direta e precisa. Utilizamos, ainda, um artigo de um teórico da psicanálise, José Gutiérrez-Terrazas, que também se debruçou no estudo do tema e tem como orientação teórica a TSG.

Importante salientar que este trabalho decorre de estudos realizados nas disciplinas do mestrado em Psicologia da UEM, linha: psicanálise e civilização. Portanto, nos propomos a realizar uma revisão do tema em Freud para depois complementarmos com os desenvolvimentos teóricos da TSG, sendo que, esta última é a teoria que embasa a nossa dissertação de mestrado.

Resultados e Discussão

É-nos importante, primeiramente, evidenciar a formulação do conceito denominado pulsão, que por vezes se tornou confuso ao longo da elaboração da teoria psicanalítica. Iremos elucidar de uma maneira sucinta as principais características deste conceito tanto na primeira tópica, quanto na segunda tópica freudiana, para depois complementarmos com as considerações de Jean Laplanche e da TSG.

Pois bem, em 1905, Freud publica o texto intitulado “Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade”. Este é dividido em três capítulos, no primeiro capítulo o autor apresenta uma revisão acerca das perversões, bem como discute o funcionamento da pulsão sexual em casos de neurose. O segundo capítulo é dedicado às manifestações da sexualidade infantil e suas implicações e o terceiro capítulo aborda questões referentes a manifestação da sexualidade na puberdade.

Freud, no primeiro capítulo, ao discutir a questão da homossexualidade (“dos invertidos”) traça uma série de hipóteses buscando melhor explicar essa condição da vida humana. O autor afirma que nem a “hipótese de que a inversão é inata, nem tampouco a conjectura alternativa de que é adquirida explicam sua natureza” (Freud, 1905/1996, p.133). Para Freud, então, é preciso explicar o que há de inato nesta situação, para não recorrermos a uma explicação incipiente de que o indivíduo traz consigo, “em caráter inato, o vínculo da pulsão sexual com determinado objeto sexual.” (Freud, 1905/1996, p.133).

No decorrer de suas elaborações acerca da pulsão sexual o autor afirma que:

Ainda assim, é esclarecedor sobre a natureza da pulsão sexual o fato de ela admitir tão ampla variação e tamanho rebaixamento de seu objeto, coisa que a fome, muito mais energicamente agarrada a seu objeto, só permitiria nos casos mais extremos. (Freud, 1905/1996, p. 140).

Freud, ao abordar a problemática da sexualidade infantil, apresenta a noção de apoio, tão revisitada por psicanalistas na atualidade, afirmando que a “atividade sexual apóia-se primeiramente numa das funções que servem à preservação da vida, e só depois torna-se

independente delas [...] esta ainda não conhece nenhum objeto sexual, sendo *auto-erótica*, e seu alvo sexual acha-se sob o domínio de uma *zona erógena*.” (Freud, 1905/1996, p.171)

O autor, então, apresenta algumas considerações resumidas acerca da pulsão sexual infantil e assinala que:

No esforço de rastrear as origens da pulsão sexual, descobrimos até agora que a excitação sexual nasce (*a*) como a reprodução de uma satisfação vivenciada em relação a outros processos orgânicos, (*b*) pela estimulação periférica apropriada das zonas erógenas, e (*c*) como expressão de algumas “pulsões” que ainda não nos são inteiramente compreensíveis em sua origem, como a pulsão de ver e a pulsão para a crueldade. (Freud, 1905/1996, p.189)

No último capítulo destes ensaios o autor apresenta a questão das manifestações sexuais na puberdade. É neste período do desenvolvimento humano que Freud (1905/1996) aborda a pulsão sexual já com um objeto definido. “A pulsão sexual coloca-se agora a serviço da função reprodutora, torna-se altruísta” (Freud, 1905/1996, p.196), ou seja, não é somente auto-erótica. O autor entende que mesmo na sexualidade adulta, já organizada, sempre haverá resquícios da sexualidade infantil pré-genital.

Após essa breve passagem neste ensaio sobre a sexualidade da primeira tópica, apresentado por Freud em 1905, percebemos, então, a preocupação do autor em diferenciar a noção de pulsão e a questão, por exemplo, da necessidade instintiva de alimentação, ou seja, uma tentativa de desvincular a pulsão sexual do instinto (algo inato). Guardemos estas informações e fiquemos por aqui em relação a este texto. Buscaremos, agora, seguir caminho em textos oriundos da segunda tópica freudiana.

Freud, em seu artigo denominado “Os instintos e suas vicissitudes”¹ (1915/1996), apresenta as principais características e funções das pulsões no aparelho psíquico, afirmando que, fisiologicamente, estas têm suas origens a partir de fontes endógenas e que atuam no psiquismo como uma força constante. O autor ressalta a questão do principio de constância

¹ Nota: na presente tradução das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vamos considerar o conceito de instinto enquanto equivalente ao conceito de pulsão, apresentado por Laplanche e Pontalis (1982/2001). O termo instinto será mantido apenas nas citações.

enquanto regulador do aparelho psíquico, entendendo que o sistema nervoso atuaria no sentido de dominar os estímulos. Freud (1915/1996) propõe que as pulsões são as responsáveis pelo desenvolvimento do sistema nervoso e que estas que propiciariam as modificações filogenéticas na substância viva.

Já a partir de um ponto de vista biológico o autor propõe que uma pulsão pode ser entendida enquanto um conceito que se situa entre o mental e o somático, “como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam à mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo.” (Freud, 1915/1996, p.127). Freud (1915/1996) compreende que existem nos seres humanos duas pulsões primordiais: pulsões egóicas e pulsões sexuais. Estas possuem algumas características em comum: pressão, que é a quantidade de força que a mesma representa; finalidade, que é sempre satisfação; o objeto, que é a maneira pela qual ela atinge a sua finalidade; e fonte, que advém de um processo somático. Supõe, ainda, que são qualitativamente semelhantes e os seus efeitos se dão pela quantidade de excitação que possuem ou a certas funções dessa quantidade.

De acordo com Laplanche e Pontalis, a pulsão pode ser definida enquanto um:

Processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, fator de motricidade) que faz o organismo tender para um objetivo. Segundo Freud, uma pulsão tem a sua fonte numa excitação corporal (estado de tensão); o seu objetivo ou meta é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional; é no objeto ou graças a ele que a pulsão pode atingir sua meta. (Laplanche & Pontalis, 1982/2001, p.394)

Freud (1915/1996) assinala, ainda, que as pulsões podem ser submetidas às seguintes vicissitudes: reversão ao seu oposto; retorno em direção ao próprio eu (self) do indivíduo; recalçamento e sublimação. Sendo que estas influências ocorrem a partir de três grandes polaridades de suma importância para a vida mental, a saber: biológica, real e econômica.

Pois bem, cabe agora introduzirmos a questão da pulsão de morte. Esta ideia pode ser evidenciada já nos primeiros trabalhos de Freud, ou seja, encontramos indícios deste conceito desde o “Projeto para uma psicologia científica” (1895/1996). Porém, este é apresentado

somente em 1920 no texto “Além do princípio de prazer”, quando Freud assinala que suas considerações são de cunho especulativo e que aos poucos essas ideias foram se impondo progressivamente em seu pensamento. Então, supomos que houve um “amadurecimento”, por parte de Freud, sobre este conceito por cerca de 25 anos.

No excerto a seguir, retirado do texto “Além do princípio de prazer”, (1920/1996), percebemos o quanto Freud estava inseguro ao propor este conceito e como tais ideias foram sendo apresentadas no decorrer de suas formulações psicanalíticas, despertando a sua curiosidade. Segue o trecho:

O que se segue é especulação, amiúde especulação forçada, que o leitor tomará em consideração ou porá de lado, de acordo com sua predileção individual. É mais uma tentativa de acompanhar uma idéia sistematicamente, só por curiosidade de ver até onde ela levará. (Freud, 1920/1996, p.35)

Sabemos que a “criação” do conceito de pulsão de morte teve fortes influências de aspectos que ocorriam na clínica de Freud, dentre estas questões clínicas o autor se deparou com os inúmeros casos do que ele chamou de ‘neurose de guerra’, pós-primeira guerra mundial. Estes aspectos suscitaram muitas dúvidas e entraves na teoria psicanalítica e contribuíram para a reformulação de toda a teoria pulsional, momento no qual é inaugurado o que chamamos de segunda tópica freudiana. Entre os aspectos clínicos que Freud se confrontou neste momento, destacamos o conceito de compulsão a repetição que é entendido como um “processo incoercível e de origem inconsciente, pelo qual o sujeito se coloca ativamente em situações penosas, repetindo assim experiências antigas sem recordar o protótipo” (Laplanche & Pontalis, 1982/2001, p.83).

Dizia Freud em 1920:

A tendência dominante da vida mental e, talvez, da vida nervosa em geral, é o esforço para reduzir, para manter constante ou para remover a tensão interna devida aos estímulos (o ‘princípio do Nirvana’, para tomar de empréstimo uma expressão de Barbara Low [1920, 73]), tendência que encontra expressão no princípio de prazer, e o reconhecimento

desse fato constitui uma de nossas mais fortes razões para acreditar na existência dos instintos de morte. (Freud, 1920/1996, p.66)

Já em 1923, em “O ego e o Id”, Freud reafirma que os seres humanos são regidos internamente por estas duas pulsões básicas e ambivalentes: pulsão de vida e pulsão de morte. Sendo que a primeira tem seu representante psíquico na libido, com derivados como a amorosidade, generosidade, capacidade criativa e sublimatória; já a segunda manifesta-se através da agressividade e como derivados a destrutividade, imobilidade e principalmente a expressão da violência em si, ou seja, é um sentimento não sublimado que se expressa externamente. É por esta ambivalência, considerada por Freud como a fusão pulsional que não se completou, que o ser humano mantém a homeostase do organismo, buscando de maneira consciente e inconsciente a fuga do desprazer. Diante desta ambivalência, entre libido e agressividade, deriva-se o amor e o ódio, que são as formas mais subjetivas e complexas das pulsões, que em si, regem as nossas interações com a sociedade.

Com base em considerações teóricas, apoiadas pela biologia, apresentamos a hipótese de um instinto de morte, cuja tarefa é conduzir a vida orgânica de volta ao estado inanimado; por outro lado, imaginamos que Eros, por ocasionar uma combinação de conseqüências cada vez mais amplas das partículas em que a substância viva se acha dispersa, visa a complicar a vida e, ao mesmo tempo, naturalmente, a preservá-la. Agindo dessa maneira, ambos os instintos seriam conservadores no sentido mais estrito da palavra, visto que ambas estariam se esforçando para restabelecer um estado de coisas que foi perturbado pelo surgimento da vida. (Freud, 1923/1996, p.53)

Ora, cabe agora apresentar como a TSG compreende a questão da pulsão e da pulsão de morte em psicanálise. Laplanche se propôs interpretar Freud com Freud, segundo ele isto significa “seguir a pista de alguma coisa em Freud que eu chamo [...] de exigência. A exigência é algo que é ditado pelo objeto: nem pelo homem Freud nem tampouco pela lógica.” (Laplanche, 1992, p.10). Esta exigência, como em uma psicanálise, significa o movimento de decomposição, de análise e de desvelamento da própria obra do autor, ou seja, é detectar uma

espécie de cripto-Freud, encoberto pelo Freud oficial. A partir deste método, Laplanche, enquanto leitor, tradutor e crítico da obra, apresenta o que ele chama de “desvios” do freudismo.

Freud no decorrer de sua obra acaba deixando algumas pistas destes desvios, como por exemplo, quando afirma, em “O Ego e o Id” (1923/1996), que suas considerações retomam um curso de pensamentos que iniciou em “Além do princípio de prazer” (1920/1996), pensamentos que ele próprio olhava com certa curiosidade benévola. Estas considerações, segundo o autor, dão prosseguimento, ligam-nos a diversos fatos da observação analítica, procuram deduzir novas conclusões a partir dessa relação, mas não fazem novos empréstimos à biologia, e por isso estão mais próximas da psicanálise do que aquela obra.

Vemos, então, que o autor em 1923, ao apresentar o texto “O Ego e o Id”, “denuncia” o perigo de adentrarmos no campo da biologia e nos desviarmos do campo essencialmente psicanalítico. Laplanche (1993/1997), em seu livro “Freud e a sexualidade: o desvio biologizante”, nos afirma que é possível conceber três grandes desvios na obra freudiana e que estes podem ser evidenciados, com nitidez, a partir da obra de alguns pós-freudianos. No presente momento nos detenhemos apenas em um destes desvios, que é o que se relaciona com um biologicismo da sexualidade.

Laplanche (1993/1997) traz à baila a questão da negação da sexualidade em psicanálise. Afirmando que ela pode ser negada totalmente, abertamente ou ser considerada algo excepcional de características patológicas; ela pode ser negada ainda, como sendo considerada de natureza biológica e de origem endógena, porém este fato não decorre em uma negação de sua existência; ou ela pode ser negada de uma maneira mais implícita, porém perigosa, no próprio desenvolvimento da psicanálise, sendo dessexualizada e mergulhada em outra coisa, perdendo a sua especificidade de pulsão sexual.

Ao discutir a noção de apoio em psicanálise o autor apresenta a tese de que a partir dos anos de 1910-12, esta noção tende a desviar-se, pois, neste período Freud apresenta a questão da autoconservação enquanto uma pulsão paralela à sexualidade, composta das mesmas características que ela.

Nas palavras do autor:

A autoconservação será calcada na sexualidade, e inversamente isso vai recair sobre a pulsão sexual, abrir para uma instintualização pelo menos virtual da pulsão sexual. Definindo-se a função no registro da pulsão, corre-se inversamente o risco de fazer coincidir a pulsão com a função, no sentido de um funcionalismo da sexualidade. (Laplanche, 1993/1997, p.30)

Desta forma, podemos compreender dois períodos do pensamento freudiano que se contradizem entre si. O primeiro poder ilustrado a partir do texto de 1905 denominado “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” – importante salientar que este texto, de acordo com Laplanche, foi sendo alterado e acrescido por Freud até 1924, sendo que sua versão original foi totalmente modificada² – texto em que Freud procura estabelecer uma diferenciação entre aquilo que pode ser considerado da ordem instintual ou inata, daquilo que ele considera uma sexualidade infantil “perversa polimorfa” que se dá a partir da interação com o outro.

O segundo período pode ser demonstrado através do texto de 1915, já pertencente à segunda tópica, denominado “O instinto e suas vicissitudes”, em que seu pensamento a propósito dos fundamentos da psicosexualidade foi sofrendo mudanças de suma importância, que culminaram com a volta a uma concepção endogenista, por excelência, da sexualidade; isto é, uma concepção claramente instintivista. (Gutierrez-Terrazas, 2002). Percebemos a partir destes textos, apresentados de forma sucinta anteriormente, esta questão do desvio biologizante da teoria freudiana.

Este desvio, de acordo com Laplanche, é confirmado em toda a segunda tópica, sendo que a noção de Id proposta em 1923, no texto “O ego e o Id”, pode ser entendida como o ápice deste desvio. Como pontua Laplanche (1981/1992) em “O Inconsciente e o id”:

Freud se exprime assim: tudo o que é consciente foi primeiramente inconsciente; ou ainda: o consciente emerge pouco a pouco do inconsciente [...] Formulações de emergência que assimilam o inconsciente a um substrato (biológico?) preexistente, do

² *Os Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* [...] figuram sem dúvida como as contribuições mais significativas e originais de Freud para o conhecimento humano. Não obstante, na forma em que costumamos ler esses ensaios, é difícil avaliar a natureza exata de seu impacto quando da primeira publicação. É que, no decorrer de edições sucessivas num período de vinte anos, eles foram submetidos por seu autor a mais modificações e acréscimos do que qualquer outro de seus escritos. (Nota do editor em Inglês, 1996, p.120).

qual o inconsciente se diferenciaria pouco a pouco como sistema de superfície. Este é o perigo, a par de sua fecundidade, da noção de id que elevará ao máximo o risco de tal concepção. (Laplanche, 1981/1992, p.64)

Esta hipótese de um id não recalcado, considerado como algo primeiro ou primordial, de acordo com Laplanche “leva todas as aporias de uma tentativa para reconstruir o mundo humano a partir de uma mônada a princípio fechada sobre si mesma, e que deveria, não se sabe como, abrir-se ao mundo e ao ser-no-mundo.” (Laplanche, 1988, p.100). Por isso a noção de recalçamento originário é tão importante para a TSG, pois é somente a partir do outro que se pode abrir para o mundo e vir a ser-no-mundo, ou seja, a partir da situação antropológica fundamental aliada ao conceito de sedução originária.

Sedução originária que pode ser compreendida a partir da teoria do apoio (“étayage”) que, segundo Laplanche, ocorre em nosso desenvolvimento psicosexual a partir do momento em que a sexualidade incipiente se apoia em um mecanismo de conservação da vida, ou seja, a criança ao entrar em contato com o seio materno, primeiramente, ela busca saciar a sua necessidade de alimento, mas em um segundo momento inicia-se também um processo sexual. Pois, paralelamente a alimentação há uma excitação dos lábios e da língua através do mamilo e do leite morno.

Em suma objeto, alvo e fonte estão estreitamente contidos em uma proposição bem simples que permite descrever o que se passa: “isso entra pela boca”. “Isso”, é o objeto; “entra” é o alvo e quer se trate de alvo sexual ou alvo alimentar, o processo é de qualquer maneira um “entrar”; “pela boca”: quanto ao nível de fonte, encontra-se a mesma duplicidade, na medida em que a boca é ao mesmo tempo órgão sexual e órgão de função alimentar. (Laplanche, 1970/1985, pág. 25)

Ainda segundo o autor o esforço para ligar o trauma, que advém da sedução originária, resultará no recalque destas primeiras mensagens enigmáticas enviadas ao infante. Os vestígios destas mensagens ou estas representações de coisas inconscientes, na linguagem freudiana, constituirão os objetos-fonte da pulsão.

Então, para Laplanche (1988) a pulsão é pulsão sexual, sendo que somente a sexualidade é objeto de recalçamento. Há, então, um distanciamento entre o universo sexual adulto que ‘envia’ mensagens, impregnadas deste sexual inconsciente, à criança que, por sua vez, buscará ligar, simbolizar, traduzir o que lhe é enviado. Estas mensagens são excessivas e, por excelência, traumáticas provocando assim o recalçamento originário.

O autor (1998) propõe o seguinte esquema para compreensão da teoria freudiana em uma maneira unificada, entendendo-as enquanto teorias complementares:

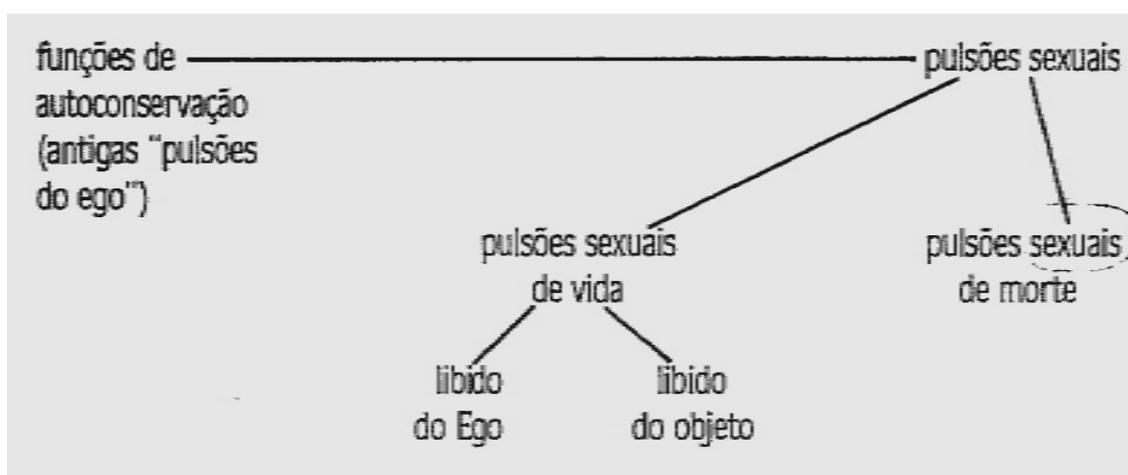


Figura 1- Esquema de Jean Laplanche acerca das pulsões em psicanálise.

Fonte: Laplanche, J. *Teoria da Sedução Generalizada e Outros Ensaio*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

Em relação às pulsões sexuais de morte, Laplanche (1988) apresenta que estas podem ser compreendidas no momento do recalçamento originário e seriam concebidas no próprio núcleo do id, como núcleo da pulsão sexual. O autor discute a questão da pulsão de morte em Melanie Klein e afirma:

A pulsão de morte só pode ser o ataque interno por objetos ao mesmo tempo estimulantes e perigosos para o Ego. Mas constituição destes objetos-fontes, atacantes internos, é ela própria resultado de um processo de introjeção primário que teve sua origem no que chamamos a situação originária de sedução. (Laplanche, 1988, p.105)

Laplanche (1998) compreende, então, a diferenciação entre as pulsões sexuais de vida e de morte, contrapondo-as a partir de um ponto de vista: energético; de sua finalidade; sua relação com o Eu; e em relação ao objeto-fonte. Desta forma, as primeiras funcionam segundo

o princípio da energia ligada (princípio da constância); sua finalidade é a síntese, a constituição e manutenção de laços; são favoráveis ao Eu; seu objeto-fonte é considerado 'total' e regulador. Já as segundas funcionam de acordo com o princípio de energia livre (princípio do zero); sua finalidade é a descarga pulsional total, mesmo que essa cause o aniquilamento do objeto; são contrárias ao Eu e buscam desestabilizá-lo; seu objeto-fonte é de um aspecto clivado, unilateral, apenas um indício de objeto.

De acordo com Gutiérrez-Terrazas temos, então, que recolocar o conceito de pulsão de morte incluindo-o em um enquadre metapsicológico ordenador, possibilitando menos repor os termos "vida" e "morte" no plano psicológico em contraposição ao biológico, "já que só o psíquico é investigado pela 'situação psicanalítica', por mais que a análise da dimensão psíquica depois tenha suas repercussões no funcionamento biológico singular". (Gutiérrez-Terrazas, 2002, p.97).

Conclusão

Partindo, então, da proposta de que a TSG, compreendida por Gutiérrez-Terrazas (2002), pressupõe que o funcionamento do pulsional no ser humano não se estabelece de modo inato ou mecânico, nem ocorre a partir de um princípio regulador clássico que reparte a energia psíquica de maneira mais ou menos homogênea e dualista (pulsões de vida x pulsões de morte), mas que este se constitui em situação de sujeição às instabilidades históricas advindas da relação com o outro, na qual e a partir da qual o pulsional se origina abrindo a possibilidade do desenvolvimento do aparelho psíquico. O pulsional também se estabelece como uma dinâmica que não se deixa escapar e ligar, provocando alterações e obstruções do ego como instância intrapsíquica. E são nestes entraves na construção egóica que podemos compreender o pulsional des-ligado, que é a pulsão sexual de morte, "que não tem outro fim senão a descarga imediata e a busca do idêntico sem reconhecimento de qualquer alteridade, e que termina sempre funcionando como modo de autodestruição ou de morte psíquica do eu" (Gutiérrez-Terrazas, 2002, p.100).

Referências

Baffi, M. A. D (2002). *Modalidades de pesquisa: um estudo introdutório*. Petrópolis: Pedagogia em foco. Texto recuperado em 22 de jun. 2012: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/met02a.htm>

Freud, S (1996). Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade. In S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira* (J. Salomão, trad., Vol. 7, pp. 119-231). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905)

Freud, S (1996). Os instintos e suas vicissitudes. In S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira* (J. Salomão, trad., Vol. 14, pp. 117-162). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915)

Freud, S (1996). Além do Princípio de Prazer. In S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira* (J. Salomão, trad., Vol. 18, pp. 13-75). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920)

Freud, S (1996). O ego e o Id. In S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira* (J. Salomão, trad., Vol. 19, pp. 15-80). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923)

Gutierrez-Terrazas, J. (2002, janeiro/junho). O conceito de pulsão de morte na obra de Freud. *Revista Ágora*, 5(1), 91-100.

Laplanche, J. (1970). *Vida e morte em psicanálise*. Porto Alegre: Artes médicas, 1985.

Laplanche, J. *Teoria da Sedução Generalizada e Outros Ensaio*s. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

Laplanche, J. (1993). *Freud e a sexualidade: o desvio biologizante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

Laplanche, J.; Pontalis, J. B (1982). *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.